

— representou seu abandono. Não apenas ela própria e todo o seu futuro haviam sido abandonados por Deus, mas também todos os seres humanos — ‘apenas eles não sabem disso’. O choque dessa experiência, porém, teve conseqüências por toda a sua vida: estar abandonada por Deus cria ‘um imenso laço comum com tudo o que existe’. Poderíamos dizer que sua reverência pelo Deus da infância fora transformada em reverência ‘por todos os fenômenos da natureza, por mais diminutos que sejam’, cuja origem divina, conseqüentemente, continuava a ser para ela uma realidade.

A primeira fase da vida de Lou A.-S., caracterizada por essa experiência, chegou ao fim quando a moça de dezesseis anos pela primeira vez avistou Hendrik Gillot, cerca de vinte e cinco anos mais velho do que ela. Ali estava o homem que a salvou da ‘solidão da fantasia’ porque ela o amava — e a quem elevou ao status de ‘homem divino’. O fluxo de devoção e confiança, que não mais encontrava uma resposta em ‘Deus’, foi então dirigido a um ser humano. Isso deu a Gillot uma autoridade que lhe permitiu dirigir seus talentos, que até então se haviam expressado num mundo de fantasia, para o mundo do intelecto. Só então Louise von Salomé tornou-se ‘Lou’, como ele a chamava. Mas Gillot, o ‘homem divino’, teve o mesmo destino do Deus de sua infância: quando a pediu em casamento e, desse modo, ‘procurou trazer o céu para a terra’, tornou-se um estranho para ela.

As primeiras fases decisivas da vida de Lou foram seguidas por um período mais tranqüilo dominado pela figura de Paul Rée. Em seguida a seu estremecimento com Gillot, Lou von Salomé foi acometida de hemorragias pulmonares e, após seu curto mas intenso período de estudos, foi levada por sua mãe a Roma. Aí, na primavera de 1882 — no círculo de Malwida von Meysenbug —, conheceu Rée, doze anos mais velho do que ela. Reconheceu seu destino com a mesma presteza que caracterizara seu encontro com Gillot em São Petersburgo, com a certeza suplementar, porém, nesse caso, de que daí por diante conduziria sua vida sob a égide da amizade que sentia por Rée e que, tinha certeza, jamais vacilaria. Mesmo na velhice ainda declarava que, de sua parte, jamais teria rompido com Rée. A partida dele foi ‘uma perda irreparável’.

Seu encontro com Nietzsche, também em Roma, estimulou este último a ter esperanças de felicidade pessoal; para Lou, a fascinação desse encontro residia no fato de ser um cruzamento de dois caminhos intelectuais. Depois disso seguiram-se quase cinco anos de vida intelectual ativa em Berlim, entre o círculo de estudiosos que se reunia em torno de Rée e dela própria, anos durante os quais a relação dos dois parecia proporcionar-lhes completa satisfação.

‘Assim como um obstáculo lançado na passagem de uma carruagem que corre a plena velocidade causa a sua destruição’: com essas palavras, Lou descreveu o término dos felizes anos de juventude que passou com Rée, provocado pela corte de F. C. Andreas. Ela, tantas vezes cortejada em vão, não foi capaz de resistir ao efeito de sua personalidade. Uma anotação de diário de outubro de 1888, depois de casada há quase um ano e meio com Andreas, sugere uma conexão oculta com a experiência com Gillot e, portanto, com a experiência de Deus: ela distingue o ‘casamento’ do ‘amor predominantemente sensual’, que jamais reconhecera como uma base para o casamento. ‘O casamento é o reconhecimento de que os cônjuges *pertencem* um ao outro num sentido quase religioso da palavra’. ‘Não mais um ser humano ajoelhado diante do outro (Gillot), mas Dois, que se ajoelham juntos’. O casamento físico, portanto, estava para ela fora de cogitação. Paul Rée, a quem, ‘em consideração ao outro’, não podia comunicar ‘toda a verdade sobre esse passo’, mas de quem ‘nunca tinha necessitado tão desesperadamente como nessa hora’, não encontrou outra saída para a situação senão recolhendo-se, fora de seu alcance, à solidão.

Depois de cinco anos de casamento ocorreu uma crise. ‘Uma continuação da relação que existira até aqui revelou-se humanamente impossível’. Ela recorreu às viagens: a Paris, onde encontrou Hamsun e Herman Bang e, especialmente, Frank Wedekind; e a Viena (1895-96), onde conheceu Richard Beer-Hofmann e Hofmannsthal no círculo de Schnitzler e onde ficou, pela primeira vez, em casa de Marie von Ebner-Eschenbach. Em Berlim, já se havia encontrado com Strindberg e com os irmãos Hauptmann; era grande amiga de Gerhart Hauptmann. Por seu livro sobre Nietzsche e seu romance sobre Gillot, *Ruth* (1895), já se encontrava entre as mais importantes autoras da época.